

FLASH

E agora o relógio transbordando madrugada,
Todas as tomadas estão desocupadas,
Todos os piratas estão afogados todos os violinos estão quebrados.

Madrugada desligada,
Esquecer as chaves em algum bolso remoto qualquer, heróis, frases, sonhos,
Todos os aeroportos afogados em primavera.....

Cato um sorriso e coloco na palma da pluma,
De garfo e faca para o vento,
Somos todos folhas levadas pelo vento,
A vazante de um rio desnorante e desnorado.

De garfo e faca para o vento,
Estrada de nuvens,
Cinema de insetos,
Queimo minas asas e começo a voar.

HERÓI

para Mário Quintana

Postos para reabastecer os olhos verdes de néon. Astronauta do possível. Cartazes sorriem. Mato pequenas estrelas negras. As minhas flores enguiçaram o teu motor. Eu sou a mistura de rodas. Já me mataram tantas vezes e as placas continuam dizendo: Siga, siga, siga. Para o herói de areia convém dançar. Um horizonte logo ao lado e a obscura profecia de um herói humano. É uma grande tristeza se arder azul. Eu não faço mais poemas de amor, todos os meus poemas são de amor. Acho que me afogo aqui.

Sinal verde,
Sobrevivo.

2006 © AUGUSTO DE GUIMARAENS CAVALCANTI

NOVO MUNDO

Um talk show de poesia, a bossa já não é mais nova.
Multidão sentimental correndo para onde?
Eu te agradeço Spielberg pelo lixo de cada dia,
Eu te agradeço Spielberg pelo caos portátil.
Meus sonhos foram sepultados em 1972,
E eu não era nem nascido.
Nasci sobre as ruínas de um mundo imaculado,
Nada me pertence mas eu desconfio que o mundo
Atual seja bem melhor.
Carregando esse vídeo game estúpido dentro do peito,
Nasci com uma máquina de fazer inferno e de fazer
Poesia. Eu te agradeço Spielberg por tudo.
Eu te agradeço Spielberg mesmo assim
Por tanta ilusão.
Desconfio das idéias, sei que todo poema é uma
Navalha.
O novo mundo é bem bonito nas telas da cidade

2006 © AUGUSTO DE GUIMARAENS CAVALCANTI

PARA JOSÉ CELSO MARTINEZ

(em parceria com Diogo Cruz)

O céu como um grande hospital,
Todos os carros são cavalos temperamentais
E o mar sempre de outro mundo.

Olhos de quem roubou nosso mundo,
Hora de fugir dos porcos de direção hidráulica,
Queria ser alguma coisa, mas desculpe não suporto tantas luzes na cidade.

Quero a elegância do acaso,
Quero oito céus de estrelas para além do céu de estrelas,
Quero o policial fazendo amor com sua metralhadora,
Quero o rebanho da bela ferida.

Castigados pelos holofotes caminhamos como um pássaro
violento,
A língua do sim,
Asas de petróleo.

Agora toda esquina é uma bandeira,
Vou soltar meus bois para sempre,
Vou andar de cavalo pelo Baixo Leblon.

São anjos no jardim,
São deuses submersos,
Ilha maior.

UBU-REI, viver muito barulho.
UBU-REI, eu tenho muitos espelhos.
UBU-REI. O rei é sol?

Eu não gosto de belezas óbvias.
Gosto de belezas simples.

Em toda rua há um jardineiro afogado.
Em toda rua há uma hélice enferrujada.
Em toda rua há um marinheiro afogado.
Em toda rua há um poeta afogado.

Eu vou chorar a minha vida inteira pelo asfalto, assim
como fez José Celso Martinez.

BONNER

É como ver os monstros que você sempre adorou agora saltando para fora da televisão. É como um pesadelo bem delicado. É como andar por corredores intermináveis e não ver a vida passar. É como o túnel de Ernesto Sábato, é como o sorriso de William Bonner. É como sentir uma pitada de domingo em todos os dias da semana. É como adiantar seu alarme. É como flutuar. É como ter todas essas câmeras na cabeça. É como matar e ser feliz. É como se atirar do último andar e continuar vivo. É como estar sempre atrasado para alguma coisa que você não sabe o que é. É como se sufocar dentro da lente. É como uma guilhotina gentil. É como ser o rei do baixo astral. É como ver semi deuses na sala de maquiagem. É como ser repórter desse desespero. É como viver de ruínas. É como apertar o botão. É como ser o que realmente se é, mas aí tem essas estradas complicadíssimas e você tem que apertar play. É como esvaziar tudo. É como esse ser o único jogo que se resta para jogar. É como ter sempre um gosto leve de metal por de trás da língua satisfeita. É como a navalha da alegria. É como um monstro imundo. É como ser o rei das suas próprias ruínas. É como ter a chave. É como uma beleza cega. É como tatear cronômetros. É como ser esse o único jogo que se resta para jogar. É como tentar beijar o tempo. É como carregar planetas. É como carregar óculos escuros. E aí Bonner, vamos jogar?